



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **MUSEUS, GALERIAS E COLEÇÕES. IV ACERCA DE ROQUEMONT.**

VITORINO, Pedro

Ano: 1928 | Número: 38

---

### **Como citar este documento:**

VITORINO, Pedro, Museus, Galerias e coleções. IV Acerca de Roquemont. *Revista de Guimarães*, 38 (3-4) Jul.-Dez. 1928, p. 107-114.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Museus, Galerias e Coleções

---

## IV

### À cerca de Roquemont

Muito recentemente o acaso proporcionou-me o conhecimento de um retrato de Augusto Roquemont pintado por um dos seus discípulos mais queridos, Francisco José Resende. Em casa de uma pessoa ainda aparentada com êste artista portuense, há longo tempo falecido, se encontrava a tela, suja de pó e velada por fumo. Se fácil era identificar o retratado, problemática se me afigurava a autenticação do autor. Seria mais um auto-retrato do celebrado artista suíço? Mas, a ser assim, ¿ porque não revelou a sua existência o próprio Resende, a quem o quadro pertencia, a par do outro que doou, ainda em vida, ao Museu Municipal do Pôrto?

No desejo de aclarar o assunto, dirigi-me, esperançado, à Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Claire Wilson de Resende, filha do pintor, e artista pintora também, hoje esquecida, das velhas relações de minha família, que conheço desde a infância e a quem devo a cedência dos materiais que me permitirão um dia tracejar o perfil artístico de seu pai. Contaria um obséquio a mais. A resposta não demorou; apesar de doente no momento, fazia o sacrifício de enviar a informação pedida: «O retrato de Augusto Roquemont que a viuva de meu primo Arthur possui (penso que ainda o terá) foi pintado por meu pay do natural que a

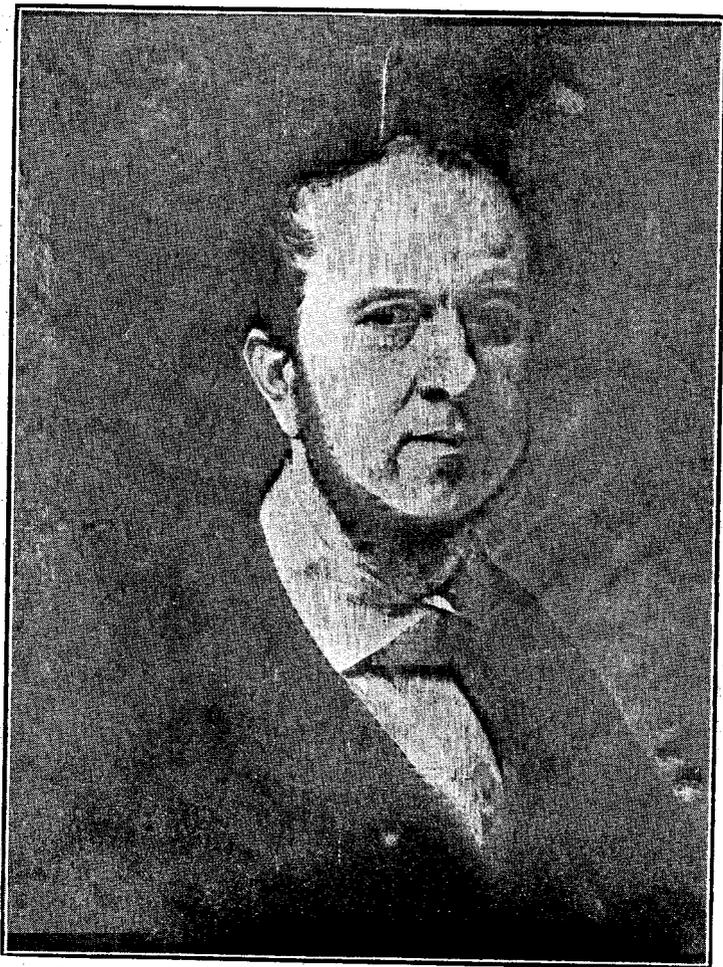
isso se prestou o Roquemont.» De facto, observado o quadro pelo lado do pano, vê-se em grandes letras o nome *F. J. Rezende*, assinatura autêntica do autor.

A tela, que mede 0,58 X 0,45, mostra Roquemont na intimidade, vestindo a sua blusa de trabalho. Foi tirado no *atelier* do artista quando Resende o frequentava com assiduidade para colhêr, ansioso, os seus preciosos ensinamentos. O retratado, com a calvície a manifestar-se, devia andar perto dos 45 anos, idade bem próxima da sua morte. Máscara cheia de vigor, barba sob o queixo, o retrato denota um acabamento cuidado; o pintor, um pouco de lado, volve o olhar em frente, fitando o colega como resignado, talvez, com o aborrimto de *pousar*, espécie de suplicio que êle habitualmente infligia aos outros... A' esquerda da figura entrevê-se uma paleta com tintas, num plano afastado.

A's relações entre o retratista e o retratado já aludi na *Revista de Guimarães* (1922) no artigo «Mestre e discípulo. A. Roquemont e F. Resende», desenvolvendo com alguma minúcia a influência exercida sôbre o então novel pintor portuense. Orgulhava-se Resende por isso, com certo desvanecimento. Um crítico, num folhetim d-*O Jornal do Porto* (1863) acentuava essa circunstância: «Augusto Roquemont, o artista insigne que viera a Portugal para n'elle fazer resuscitar a arte, foi quem despertou no coração do artista (F. Resende) o sentimento da analyse. Aquelle excellente pintor deixou-nos, em alguns magnificos quadros, provas exuberantes de quanto os nossos costumes se prestam aos quadros de genero.»

Resende, com enlêvo, seguiu o Mestre apreciado na representação de costumes populares, pintando, entre outros, alguns quadros com tipos de mulheres da beira-mar. A influência foi tal que podem suscitar-se dúvidas, a um exame ligeiro, da verdadeira autoria das telas.

Um equívoco dessa ordem deu-se mesmo em vida de Resende. Em 1887, numas considerações feitas sôbre a galeria de quadros do Museu Municipal do Pôrto no jornal *A Provincia*, o crítico de arte portuense Xavier Pinheiro dava como da autoria de Roquemont o retrato do «homem de barrete encar-



Retrato de A. Roquemont

por F. J. Resende

nado" na mesma existente. Apressou-se Resende a restabelecer a verdade, dizendo no mesmo jornal ser sua a obra, feita antes de partir para Paris em 1853. O retratado era um seu amigo, scenógrafo, D. José Muriel, que ao tempo pintava o scenário do Teatro de S. João.

O influxo do Mestre, ainda vivo, era tão manifesto que se prestava algumas vezes a confusões!

Da informação obtida sôbre êste retrato inédito de Roquemont, resulta ainda o aclarar-se não ser uma cópia do auto-retrato do Museu Municipal aquele outro que vem indicado no catálogo do espólio de Resende com o n.º 143, a que fiz referênciã, em nota, no meu mencionado artigo da *Revista de Guimarães*.

D. Claire de Resende quis ser para comigo duplamente amável, não só informando-me do que pretendia, como ainda oferecendo-me uma cativante lembrança — um belo volume ilustrado *Italie Pittoresque*, Paris, 1834, onde se vêem estas linhas escritas pelo punho de F. Resende: «Pertenceo este formoso livro a meu mestre e amigo Augusto de Roquemont, celebre pintor, filho do principe d'Heesse, e fallecido no Porto.»

Por tudo, aqui lhe reitero os meus agradecimentos.

\*

\* \*

Roquemont, pelas suas qualidades de artista e de homem de sociedade, foi o pintor preferido por gente de distincção. Da sua fama de retratista exímio decorria um caudal de encomendas que o obrigavam a um trabalho continuado nesse género de pintura. A todos agradava porque a cada um sabia surpreender na attitude mais conveniente, de acôrdo com a qualidade das pessoas, em "pose" grave ou familiar, sempre sem esforço, e com a mais graciosa das naturalidades. Um retrato saído da sua paleta privilegiada era pois uma jóia a mais a legar aos herdeiros, donde se evolaria, contemplando-a, uma saudosa e perene lembrança. Muitas pessoas de gôsto a desejavam, como uma aquisição valiosa e particularmente grata ao espírito.

Um dos numerosos retratos pintados por Roquemont é o de João Baptista Felgueiras, que foi o célebre Secretário das Côrtes de 1820, de quem esbocei a biografia no *Diario de Noticias* de 24 de Agôsto de 1922, acompanhada da reprodução do respectivo retrato.

Relacionado com seu filho, o Dr. Francisco Pedro Felgueiras, residente no Pôrto, um simpático velhinho falecido em Janeiro de 1926 com 85 anos, dêle obtive os elementos para uma notícia exacta de João Baptista e lhe ouvi referir a pequena história do retrato de seu pai, que na sua sala de visitas, com larga moldura, enchia uma boa parte da parede por cima do sofá. Foram-me nessa ocasião confiadas duas cartas para copiar, uma delas de Roquemont, que deixei de incluir nesse artigo para o não tornar extenso; aguardava outra oportunidade. Surge ela agora, por ter de falar de Roquemont.

E' a história que vou referir.

Patrício e companheiro de João Baptista Felgueiras, o morgado Nicolau Arrochela (depois conde) desejou um dia possuir no seu palacete de Guimarães a effigie do seu preclaro amigo e compadre, então elevado aos mais altos cargos públicos. Nada poderia fazer sem o seu consentimento; conhecendo-lhe a feição retraída, só em imperiosas circunstâncias cederia. Começou por obter um pintor que se encarregasse da obra. Escreveu pois para Lisboa a Augusto Roquemont, cujas qualidades de artista conhecia, quer por o ter tido como hóspede, quer por possuir diversos trabalhos seus. Aceite o encargo, N. Arrochela dirigiu-se então a J. Baptista, enviando de conjunto, como argumento de pêso, a resposta do pintor suíço.

Eis as cartas :

Ill.<sup>mo</sup> Snr. e Am.<sup>o</sup>

Sempre com a maior satisfação recebo as prezad.<sup>mas</sup> letras de V. S.<sup>a</sup>, já pela verdadeira amisade q. lhe consagro, já pela certeza de encontrar nellas hum novo testemunho d'amisade

e interesse, o que de cada vez mais penhora o meu reconhecimento. Com m.<sup>to</sup> gosto estou prompto a emprehender o retrato do sr. Conselheiro Felgueiras prestando-se elle a isto, portanto ou V. S.<sup>a</sup> lhe escreve a este respeito, ou eu lhe fallo nisto logo q. possa hir procura-lo, o q. não tenho feito ha bastante tempo e estou com Elle em grande falta com vergonha o digo; mas na verdade em todo este anno não tenho tido hum só dia livre de trabalhos, de maneira q. estou na mesma falta com todas as pessoas m.<sup>as</sup> conhecidas.

Tenho tido de Guim.<sup>es</sup> noticias de V. S.<sup>a</sup> que me tem dado prazer, sabendo q. tem passado com algumas melhoras, faço votos p.<sup>a</sup> que goze da melhor saude e de todas as felicidades q. tanto merece. Rogo-lhe o favor de apresentar meus respeitosos cumprimentos á Ex.<sup>ma</sup> S.<sup>a</sup> D. Virginia a q.<sup>m</sup> desejo a continuação da melhor saude e a suas Ex.<sup>mas</sup> filhinhas igualm.<sup>te</sup>.

Aproveito esta occasião para renovar os protestos da mais viva gratidão e sincera amizade e offerecer o meu debil prestimo no q. fôr de seu serviço prezando-me de ser sempre

de V. S.<sup>a</sup>

A.<sup>to</sup> Vn.<sup>r</sup> e Obrigd.<sup>mo</sup> Am.<sup>o</sup>

Lx. 22 de Maio  
de 1844

*Augusto Roquemont*

G.<sup>es</sup> 27 de mayo  
1844

Meu querido Felgueiras

Compadre e amigo do c. Chêo de satisfação me deixa a tua amavel carta de 22 em resposta ás minhas ultimas, e ao apertado abraço, que te enviei pelo nosso patricio o Snr. P.<sup>e</sup> Ignacio. Dizes-me alguma cousa sobre a tua saude, que

mais me contenta, por que colho que muito tem influido sobre ti o tempo extraordinario do anno, e vejo que tu, como eu, e muita gente dos nossos dias, sobes e desces com elle: que se um dia turvo te amanhece, outro mais prazenteiro se lhe segue. Em fim comprazo-me recordando que já um homem de vigorosa saude o F. M. do Nascimento sentio o mesmo q.<sup>do</sup> n'uma das suas odes (leitura que eu amava polos tempos felises do Seara) disse

«Feliz quem pode parelhar os dias bruscos e os alegres  
e dizer gosei de meia idade.»

Viveu vida tambem trabalhada e caminhava p.<sup>a</sup> os noventa q.<sup>do</sup> morreu.

Screvo-te sobre o jantar; por isso deixarei de tocar sobre varias outras cousas vindo já ao que me faz screver-te esta hoje.

He isto pedir-te um favor, que me não deixarás de fazer a pezar que muito bem antevejo o sacrif.<sup>o</sup> que elle demanda. Para evitar repetiçõs comprehendel-o-hias da carta que me screveu o Roquemont e da que eu te peço lhe mandes por um dos teus creados.

Este neg.<sup>o</sup> não he só do meu coração, he tambem de minha fam.<sup>a</sup> a que hoje pretences — e eu não posso prescindir delle...

Fico entendido sobre quanto me dizes a que responderei. Aceita os cumprim.<sup>tos</sup> de reconhecida attenção de tua Com.<sup>e</sup> — um abraço meu para ti e teus filhinhos — e beijos dos m.<sup>os</sup> filhinhos para todos.

Teu comp.<sup>e</sup> e saudoso s.<sup>o</sup> am.<sup>o</sup>

*N. Arrochela*

J. B. Felgueiras anuíu ao convite; concluído o retrato, encantado com o primor do trabalho, desejou possuir uma cópia, que seria feita, então, em Guimarães, na própria casa de Arrochela, quando Roquemont aí fôsse. Assim o denunciavam as seguintes linhas

avulsas patentes no papel do sobrescrito de uma outra carta do morgado :

“P. D. na minha seg.<sup>te</sup> direi mais sobre o que penso da paga do retrato, que com justissima razão pertendes deixar aos teus filhinhos. De medo que me esqueça não deixarei de apontar que agora he mais facil o trabalho; e que para mais comodidade do artista se deve deixar á sua descripção o prazo da sua feitura. Temos o juizo seguro — uma copia do meu he facillima se tu quizeres q.<sup>do</sup> elle aquí voltar etc. Em fim um homem collocado, como tu estás, não paga só a dinheiro. O Roquemont tudo isso sabe.”

De facto, um outro quadro igual existe nas Caldas das Taipas em casa da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Araújo Pereira de Vasconcelos Felgueiras, viúva do notário Sr. Felgueiras. Nunca o observei; mas o meu querido amigo e colega Dr. Couto Soares, que o viu há pouco, confirma a exactidão da pintura, e diz-me estar bastante deteriorado. ¿Será uma cópia feita por Roquemont, ou por qualquer outro pintor?

Roquemont regressava de Lisboa em 1847, para se fixar no Pôrto, e logo em Março do ano seguinte o conselheiro Felgueiras falecia repentinamente. ¿Teria nesse lapso de tempo o artista occasião de o copiar em Guimarães?

O retrato feito em Lisboa, do vivo, em tamanho natural, é magnífico. Mostra o antigo Secretário das Côrtes de 22 com a sua farda bordada de Ministro de Estado, onde fulge a comenda da Conceição, chapéu armado no braço esquerdo, numa attitude nobre, transparecendo-lhe no rosto a bondade do coração.

Mas, conclua-se a história.

A amizade que originou a pintura, perdurando nos descendentes, impediu possíveis danos. Desfeita a casa do Conde de Arrochela, por morte de sua filha D. Leonor, um dos seus irmãos, Heitor, ofertava o retrato ao Dr. Francisco Pedro, como uma jóia a que a sua sensibilidade de filho daria o merecido valor.

Assim ficou garantida por uns anos mais a sua conservação que o Dr. Francisco Pedro Felgueiras

pretendeu assegurar para o futuro, como o disse muitas vezes, doando-o, ainda em vida, a uma de suas filhas, com a recomendação expressa de ela o deixar por morte à Sociedade Martins Sarmiento, de Guimarães, terra da sua naturalidade.

\*

\* \* \*

Para terminar. Roquemont trabalhava de preferência sentado num tamborete baixo e amplo, de estôfo, com fôrro de cabedal, que, talvez proporcionado à sua estatura, lhe daria grande comodidade.

Conserva esta relíquia hoje o architecto Emanuel Ribeiro, que é também, presentemente, o possuidor do retrato do artista a que no princípio fiz referência.

PEDRO VITORINO.